

SOBRE A DUPLA CARREIRA ESPORTIVA E O DIREITO À EDUCAÇÃO

Dual career and the right to education

Felipe Rodrigues da Costa¹

Universidade de Brasília (Brasil)

Hugo Paula Almeida da Rocha¹

Colégio Pedro II (Brasil)

Marlon Andrés Amaya Cadavid

Universidad de Antioquia (Colômbia)

O debate sobre esporte e educação está presente nos temas da Educação Física Escolar há décadas. Desde as teorias críticas e a reviravolta na discussão sobre o *locus* do esporte na escola houve a preocupação de separar as finalidades do esporte de rendimento daquilo que seria objeto da Educação Física no ambiente escolar. Não há como negar os avanços produzidos nesses anos em que se propôs a redefinição dos conteúdos da Educação Física na escola, reelaborados a partir dos princípios da igualdade de oportunidades, diversidade, coeducação e coparticipação dos estudantes, entre outros. A Educação Física Escolar passou a se preocupar com os constructos da Educação do Corpo, contribuindo para que o objeto da disciplina se articulasse de maneira coerente com a finalidade da educação de formar um cidadão consciente e transformador da sua realidade.

Esse editorial acompanha a proposta do V Encontro de Educação Física Escolar do Colégio Pedro II, realizado no dia 20 de outubro de 2018, no *Campus Realengo II* da instituição, e apresentará parte da produção desse evento, a qual - descreveu como a Educação Física Escolar vem propondo ideias de ressignificação dos seus conteúdos. Os textos publicados neste número da Revista Temas em Educação Física Escolar são exemplos da discussão sobre o esporte e seu viés educativo. A organização desse editorial também propõe um problema que a Educação Física Escolar pode se apropriar, discutindo francamente a dupla carreira

¹ Membros do Conselho Editorial



esportiva e o estudante-atleta no espaço de educação. A dupla carreira esportiva foi levada em consideração na Semana Universitária da Universidade de Brasília.

Entre os dias 24 e 28 de setembro, a Universidade de Brasília (UnB) realizou a sua Semana Universitária. Durante o evento, centenas de atividades foram oferecidas aos alunos, nas diversas unidades acadêmicas, sobre os mais variados assuntos. Na Faculdade de Educação Física, falamos de saúde mental no ambiente acadêmico; de ciclomobilidade e do futuro das cidades; de Tai Chi Chuan, Yoga, alongamento e meditação entre diversos outros assuntos. No primeiro dia da Semana Universitária, a reitora da UnB, professora Márcia Abrahão, teve publicado, no site da universidade, um importante artigo de opinião intitulado “O direito à Universidade”, o qual, em síntese, abordava a mudança no perfil discente, bem como a expansão e a democratização do acesso daqueles que, até pouco tempo atrás, não conseguiam vislumbrar sua entrada no ensino superior. A professora termina seu texto mostrando a importância em seguirmos rumo a uma universidade mais plural, democrática e de qualidade, sendo indispensável a manutenção desse direito conquistado pela sociedade brasileira.

Naquele mesmo dia, 24, uma segunda-feira, debatemos sobre “Formação acadêmica e dedicação ao Esporte: a dupla jornada na UnB”², com a participação dos professores Hugo Rocha (LABEC/UFRJ e LAPEEFS/Colégio Pedro II) e Marlon Amaya (Universidad de Antioquia – Medellín-Colômbia), além dos estudantes de mestrado e graduação vinculados ao Grupo de Pesquisa sobre Dupla Carreira Esportiva (DuCa) e de participantes de diferentes cursos, na maioria atletas da Universidade.

A dupla carreira esportiva consiste na dedicação do estudante que opta também pela formação esportiva. Isso significa dizer que sua rotina diária se divide entre ir à escola/universidade, realizar deveres de casa, deslocar-se para o seu local de treinamento e, portanto, submeter-se às rotinas exigidas por duas instituições formadoras: a educação e o esporte. Um atleta de alto rendimento dedica-se ao treinamento, em média, por 25 horas durante a semana, ao passo que a escola

² Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pelo aluno Pedro Romualdo da Silva, na Faculdade de Educação Física, no semestre 1.2018.

exige aproximadamente 20 horas semanais. Imaginemos o esforço que é, portanto, conciliar esses dois sistemas de formação.

Nosso debate foi orientado a partir de uma pesquisa realizada junto aos atletas da Universidade de Brasília que participaram de competições oficiais da Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU) em 2017. Pretendíamos traçar um perfil desses sujeitos para propor boas práticas de conciliação junto à UnB, entendendo quais os pontos positivos e negativos do atual cenário da gestão esportiva.

Salientamos, primeiramente, que nossa Universidade está classificada em segundo lugar no Troféu Eficiência da CBDU, e acreditamos que a atual política esportiva da UnB de apoio aos atletas, sobretudo por meio do auxílio-viagem, foi fundamental para este logro (além do Bolsa Atleta, um recurso importante que acreditamos carecer de melhor avaliação no que diz respeito a critérios de alcance). Destaca-se também que, a partir de 2016, saltamos de seis pódios nacionais para 22 em 2017; e de um pódio internacional para cinco; com melhora significativa em pódios regionais, de dois para sete.

O primeiro resultado que gostaríamos de mostrar e discutir está relacionado ao rendimento acadêmico desses atletas. Dos participantes, aproximadamente 90% apresentavam Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) superior a 3.1, sendo exigido para receber o Bolsa Atleta-UnB o mínimo de 2.5. Questionamos este ponto de corte baixo, pois o valor oferecido é o mesmo das bolsas dos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária, Iniciação Científica e Iniciação à Docência (PIBEX, PIBIC e PIBID, respectivamente), que exigem de seus estudantes IRA 3.5. Outro dado importante é que 68% desses atletas apresentam IRA superior a 3.5, mostrando o seu bom nível de desempenho acadêmico e combatendo o estereótipo de que esse grupo de universitários se dedica pouco aos estudos. Destacamos, ainda sobre a dedicação, que 82% desses atletas tentam equilibrar os tempos de treino e estudos ou dedicam-se prioritariamente aos estudos; 16% priorizam o treinamento esportivo; e apenas uma atleta respondeu que se dedica exclusivamente ao esporte. O primeiro grupo, dedicado aos estudos, apresentou melhor IRA, inclusive acima de 4.5, em uma escala que varia até 5.



A oportunidade para treinamentos também foi levantada durante a pesquisa, evidenciando maior oportunidade para treinamentos de equipes coletivas. Entendemos esse ponto como delicado para a relação atleta-individual e treinador/academia, pois ele envolve, em muitos casos, o contexto das lutas, cujo aprofundamento não é pertinente no momento. É importante mencionar que os respondentes mostraram bom equilíbrio entre o turno dedicado aos estudos e os horários disponíveis para o treinamento – aproximadamente 45% concordam com a plena compatibilidade entre os horários de aula e treinamento, e perto de 30% apontam que “nem sempre” essa compatibilidade é possível. Aqui cabe destacar que as atividades esportivas são desenvolvidas, em grande maioria, no horário do almoço ou à noite, quando esses estudantes não possuem atividades acadêmicas.

Mais adiante, chamamos atenção para outros aspectos relacionados ao treino. O primeiro diz respeito à colocação de que “a UnB me dá total apoio para exercer minha plena condição de atleta”. Mais de 50% dos respondentes discordaram. Essa discordância ressurgiu posteriormente quando os participantes tiveram a oportunidade de escrever sobre sua experiência como estudante-atleta na UnB. As principais críticas referiam-se a: condições precárias dos equipamentos esportivos do Centro Olímpico (C.O/UnB); dificuldade em manter um treinador nas equipes; e necessidade de compra de material esportivo de boa qualidade pelos próprios atletas, visto que o disponível no C.O/UnB não apresenta qualidade suficiente para o desenvolvimento das atividades – além de haver necessidade de materiais não encontrados na instituição.

O caso que consideramos mais grave está relacionado ao suporte dado pelo corpo docente aos atletas. Quanto à afirmação de que “meus professores entendem minha situação de atleta e oferecem reposição de aulas, remarcam provas e aceitam justificativa por ausência”, 57% discordaram. Esse discurso foi reforçado por muitos atletas, que apontaram a incompreensão dos professores sobre sua dedicação ao esporte de representação como empecilho para competir. Sobre este ponto específico, é fundamental que a Universidade de Brasília inclua em seu regimento a condição do “atleta de representação”, bem como do “atleta de elite”. Entende-se como atleta de elite aquele que se dedica entre 20 e 30 horas semanais aos treinamentos e participa de competições internacionais (torneios continentais,

mundiais e olímpicos). O atleta de representação, por outro lado, é aquele que investe tempo e dedicação nos treinamentos esportivos e participa de competições levando o nome da Universidade aos eventos oficiais da CBDU, contudo, apresenta pouca pretensão de seguir na carreira esportiva como atleta de alto rendimento.

Observando-se experiências em outros países, sobretudo na Universidade de Coimbra, inclusive conhecendo-se *in loco* o sistema esportivo desenvolvido naquela instituição, é fundamental que seja expresso o estudante-atleta nos estatutos da instituição – da mesma forma que são contemplados a estudante gestante e o estudante trabalhador. Isso é necessário para que o direito à universidade ganhe realmente sentido para esses jovens, em condição de alto rendimento ou não, de modo que possam desenvolver também seu direito (constitucional) à prática esportiva. Encarando o esporte como um direito, a educação como obrigação e a profissionalização/carreira como opção, não podemos negar que a condição da dupla carreira merece atenção redobrada no contexto das instituições.

A ausência de políticas públicas direcionadas para o estudante-atleta em situação de dupla carreira acaba por deixar ao poder discricionário das instituições as querelas das rotinas. Os relatos apresentados aqui indicam que esses estudantes-atletas pouco reconhecem os esforços institucionais para que a dupla carreira seja harmonizada de modo que os direitos a ser atleta e estudante sejam garantidos aos indivíduos de forma plena. A UnB, como apontou a reitora em seu artigo de opinião, tem outras experiências pioneiras na construção de políticas inclusivas e daria um importante salto na discussão e no desenvolvimento da dupla carreira no Brasil. Além disso, é uma forma de reforçar os bons resultados produzidos pela Diretoria de Esporte e Lazer (DEL-UnB) desde a sua criação.

A educação e o esporte são instituições no cerne dos direitos constitucionais. Precisamos garantir meios para que o estudante que escolhe também uma carreira esportiva tenha suporte institucional para o pleno exercício das condições de suas escolhas. Como proposto no início deste editorial, a Educação Física Escolar é potencialmente contribuinte do direito ao esporte e à educação para que sejam segurados aos estudantes-atletas. Neste número, apresentamos temas que tangenciam a dupla carreira esportiva, como a relação dos objetos da Educação Física com o mundo do trabalho; um instrumento para a promoção da saúde; a



relação do corpo com aspectos e instituições sociais; o currículo e os Parâmetros Curriculares Nacionais; as habilidades socioeducativas e emocionais; os jogos, as brincadeiras e a educação inclusiva, entre outros temas. Não podemos ignorar a relevância que o esporte tem no nosso contexto social e o problema da dupla carreira esportiva é ressaltado nos textos e pesquisas nacionais e internacionais. Reivindicamos aqui uma preocupação maior sobre essa ideia que, para nós, também é objeto da Educação Física e da escola.

Por fim, ressaltamos a necessidade de experimentação de programas e estatutos institucionais que reconheçam o direito do estudante-atleta a permanecer na dupla carreira e tirar proveito dessa condição. Para tanto, pensamos na relevância da elaboração de um regimento acadêmico que preveja a situação do estudante-atleta, podendo inclusive inspirar projetos educacionais e esportivos em instituições da educação básica ao ensino superior. Desse modo, voltamos à ideia de que o esporte e a educação podem se articular aos sistemas das instituições, permitindo que ambos colham os resultados de uma conciliação harmoniosa da dupla carreira.